

O reencantamento do mundo

Arte e identidade cultural
na construção de um
mundo solidário

Agradecimentos especiais à Anna Leonor Ostrower que gentilmente cedeu o direito de reprodução das obras de Fayga Ostrower que aparecem nessa publicação.

O Instituto Pólis conta com o apoio solidário de:

Action Aid
Christian Aid
EED
Fondation Charles Léopold-Mayer
Frères des Hommes
Fundação Ford
Fundação Friedrich Ebert - ILDES
IDRC
NOVIB
OXFAM

Os textos que compõem essa revista foram apresentados pelos autores no Encontro Mundial de Artistas realizado em Itaipicera da Serra, em maio de 2001, e no Fórum Eletrônico preparatório para esse encontro.

Publicações Pólis
ISSN – 0104-2335

FAR FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro, (Org.)

O reencantamento do mundo: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário.

São Paulo: Pólis, 2002. 152p. (Publicações Pólis, 41)

1. Cultura. **2.** Arte Pública. **3.** Política Cultural. **4.** Cultura Política. **5.** Identidade Cultural. **6.** Cidadania Cultural. **7.** Movimento Cultural. **8.** Experiências Inovadoras em Cultura.

I. FARIA, Hamilton. **II.** GARCIA, Pedro. **III.** Instituto Pólis. **IV.** Aliança por um Mundo Responsável. **V.** Título. **III.** Série.

Fonte: Vocabulário Pólis/CDI

Pólis 41

Autores: Hamilton Faria e Pedro Garcia

Coordenação editorial: Paula Santoro e Renato Cymbalista

Projeto gráfico Original: Luciana Pinto

Ilustrações: elaboradas a partir das reproduções do livro "Fayga Ostrower", organizado por Carlos Martins, Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2001.

Revisão ortográfica: Thyago Nogueira, Sônia Oliveira e Hamilton Faria

Editoração: Renato Fabriga

Fotolitos: À Jato

Impressão: Gráfica Peres

Agradecimentos

À equipe do Instituto Pólis

Aos participantes do Encontro Mundial da Rede de Artistas e do Fórum Eletrônico

À Foundation Charles Léopold-Mayer

À Gustavo Marin, Pierre Calame e Michael Sauquet

Ao Projeto Barracões Culturais da Cidadania (Itaipicera da Serra)

Sumário

I. Arte e Artistas

Arte e artistas no séc. XX Fayga Ostrower	11
A função da arte? Bené Fonteles	16
Competitividade da arte Fayga Ostrower	25

II. Arte e Identidade Cultural

Arte-culturas-conflitos Gustavo Marin	31
A globalização do gueto Miguel Ángel Echegaray	34
A arte, o artista e a identidade cultural na construção de uma Montreuil solidária Olivier Petitjean	42
O escritor pode ser útil ao progresso da humanidade? Michel Sauquet	64

III. Arte como Reencantamento do Mundo

O Reencantamento do Mundo Octavio Ianni	77
Utopia, Conhecimento e Alegoria Octavio Ianni	87
A Arte e o Reencantamento do Mundo Vanda Chalyvopoulou	99

IV. Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário

Hamilton Faria e Pedro Garcia	105
-------------------------------	-----

V. A arte como linguagem da humanidade

Rede Mundial Artistas em Aliança	143
----------------------------------	-----

Apresentação

Esta publicação é resultado das reflexões do Encontro Mundial Arte e Identidade Cultural, realizado em maio de 2001, no município de Itapece-rica da Serra, com a coordenação do Instituto Pólis. Aperfeiçoamos o texto final do Encontro durante o ano de 2002, enriquecendo-o com contribui-ções de seus participantes.

Vamos contar um pouco dessa história.

Em dezembro de 1997, realizamos, com outras entidades parceiras, o Encontro Mundial da Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidá-rio, em Bertioga e em São Paulo, com a presença de 62 países de todos os continentes e representantes das várias áreas sociais e culturais. Estive-ram presentes organizações não-governamentais, organizações de solidari-idade, universidades, ecologistas, pensadores, ministros, economistas, educadores, ativistas e pesquisadores da cultura, artistas, poetas, sonha-dores de todos os imaginários.

Artistas de várias nacionalidades — indianos, franceses, africanos, fili-pinos, brasileiros etc. —, se manifestaram através das artes plásticas, da música, da poesia, deixando suas marcas nas paredes, nas salas de refle-xão, nos corredores e na emoção de todos. Mikhail Gorbachev, impossibi-litado de comparecer, enviou por seu representante uma carta emocionan-da à organização do Encontro.

Terminada a Assembléia da Aliança, realizamos em São Paulo o encon-tro Desenvolver-se com Arte, que reuniu artistas e pensadores da arte de todo o país. O lema era inspirado em um verso de Neruda: "¿ Si se termina el amarillo con que vamos a hacer el pan ?". E chamamos de reencanta-mento do mundo a grande missão da arte.

Estávamos animados e queríamos mais: durante os preparativos da As-sembléia da Aliança, realizada em Lille, França, o Instituto Pólis, com o apoio da Prefeitura de Itapece-rica da Serra através do projeto Barracões Culturais da Cidadania, do Sesc-SP e da Fundação Charles Léopold Mayer, França, coordenou um encontro com representantes de dezessete países em torno do tema "Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário". Antes havíamos debatido o papel da arte no mundo contempo-râneo, através de um Fórum Eletrônico, durante dois meses ininterruptos.

O Encontro Mundial de Artistas contou com a presença da consagrada artista plástica Fayga Ostrower, de Octávio Ianni, do escritor e teatrólogo João das Neves, do cartunista Claudius Ceccon, do artista Bené Fonteles, do poeta indiano Makarand Paranjab, da artista plástica chinesa Jiang Jie, do

artista-xamã gabonês Brice Parfait, do escritor francês Michel Sauquet, da escritora franco-brasileira Pauline Alphen, da pintora grega Vanda Chalyvopoulou, do pintor equatoriano Eduardo Kingman, do professor de crítica de arte e de política cultural da Universidad Iberoamericana do México, Miguel Angel Echegaray, entre tantos outros. Foram dias de encantamento e trabalho, poesia e reflexão, em que enriquecemos nossa visão sobre a responsabilidade ética e estética do artista, seu compromisso com a arte e com a condição humana, com a vida e o imaginário, com o mundo cotidiano e os sonhos que povoam os territórios da utopia. Sentimos a importância de viver num universo poeticamente habitável e, portanto, reencantado, buscando a magia da arte em um mundo de razões enlouquecidas.

Percebemos que a arte pode contribuir não apenas para revelar mundos ou criar outros, como nos ensina Octávio Paz, mas, com seu poder de encantamento, pode, também, envolver os seres humanos no extraordinário ato de nos maravilharmos.

Durante esse processo criamos a Rede Mundial de Artistas em Aliança, que se propõe a reencantar o mundo através da arte em suas múltiplas linguagens.

O resultado desse trabalho é o que publicamos nesta edição e, também, nos Cadernos de Proposição da Aliança, que circularão por todo o mundo em sete idiomas.

Acreditamos que a revista, que agora vem a público, fruto da inteligência e sensibilidade coletiva de dezenas de pessoas, poderá contribuir para impulsionar as práticas culturais de artistas e arte-educadores preocupados com a mudança solidária do mundo.

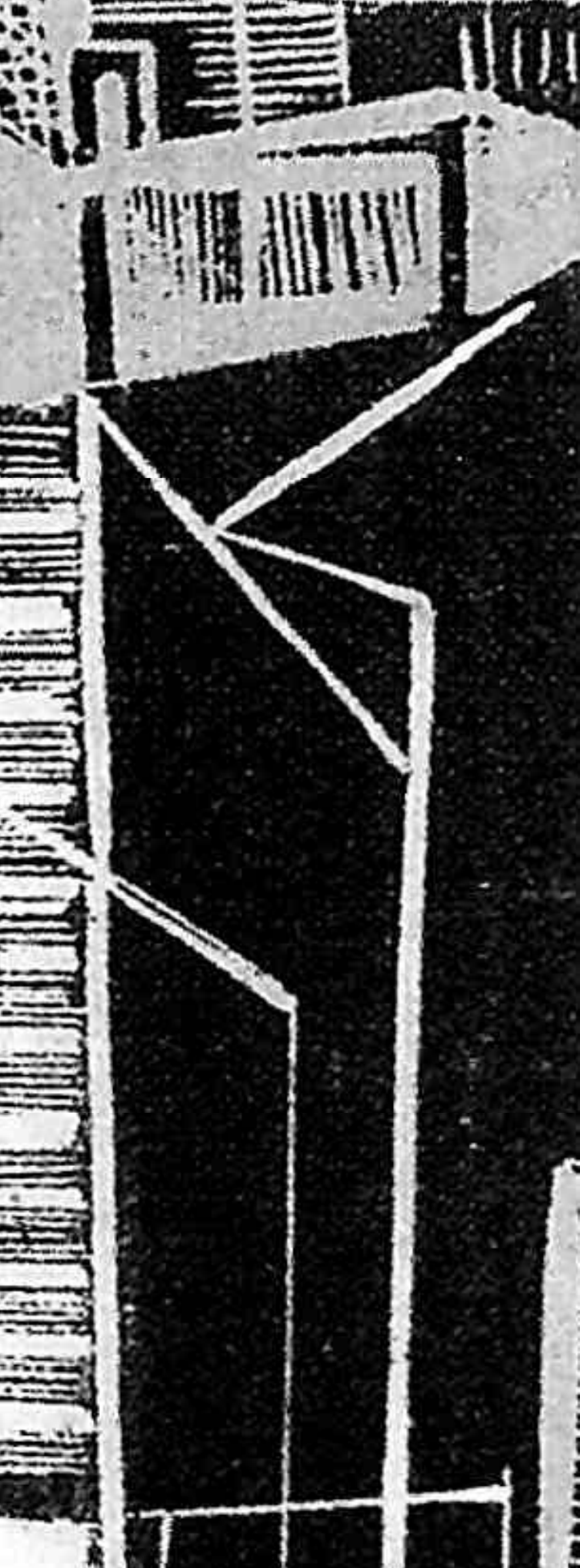
À Fayga Ostrower, que na fala inaugural deste encontro direcionou nossas reflexões — no que talvez tenha sido sua última aparição pública —, dedicamos este número em nome de todos que o transformaram em realidade.

Hamilton Faria e Pedro Garcia

Instituto Pólis

Poetas e animadores da Rede Mundial Artistas em Aliança





Detalhe da obra Casas, de Fayga Ostrower, linóleo, 1947.

I. Arte e artistas

Arte e artistas no século XX

Fayga Ostrower

Artista plástica, com vários prêmios internacionais, teórica da arte e dos processos criativos, falecida em 2001.

Vivemos em tempos contraditórios. Nunca, na história da humanidade, existiram tantos museus e exposições, tantas escolas de arte e alunos que se formam a cada ano, "futuros artistas", tanta informação. E o resultado? Mediocridade. É difícil ignorar o baixo nível e a pobreza espiritual (com poucas honrosas exceções) da maioria das obras produzidas em nossa época. Por outro lado, é igualmente difícil ignorar o crescente senso de perplexidade do público diante de tais obras, ainda mais quando acompanhadas de explicações tão grandiloqüentes quanto vazias. Algo deve estar muito errado. Sem dúvida, as pessoas sentem no íntimo – embora talvez lhes faltem palavras para defini-lo – que as questões artísticas envolvem sempre questões existenciais. É esta problemática de idéias e valores que está sendo posta em discussão.

O referencial para nossas reflexões só poderá ser a própria linguagem da arte. Cabe entendê-la como sendo, desde sempre, a linguagem natural da humanidade, acessível a todos os homens – e não somente a meia dúzia de especialistas. Trata-se, em sua essência, de uma linguagem formal (ou seja, não-verbal, que não faz uso de palavras nem conceitos), constituída por formas visuais, em si expressivas e comunicativas. É uma linguagem universal, tanto no sentido de ultrapassar o período histórico e o contexto cultural em que as obras foram criadas, como também por seus conteúdos se referirem, em última instância, à própria condição humana.

Assim, todas as formas de arte incorporam conteúdos existenciais. Estes se referem à experiência do viver, a visões de mundo, a estados de ser, a desejos, aspirações e sentimentos, e aos valores espirituais da vida. Enfim, são conteúdos gerais da própria consciência humana. Atravessando séculos, sociedades e culturas, tais conteúdos continuam válidos e atuais para cada um de nós. Por isso, a arte têm esse estranho poder de nos comover tão profundamente. Ela fala a nós, sobre nós, sobre o nosso mais íntimo ser.

Sem considerar essa expressividade inerente às formas artísticas, a discussão se limitaria apenas a aspectos externos, à mera técnica, e nunca

Todas as formas de arte incorporam conteúdos existenciais.

alcançaria o âmago da questão, aquilo que realmente está em jogo na arte: os valores de vida.

Aqui, porém, já surge um problema de ordem maior. Quais seriam os valores de vida, os termos de avaliação da sociedade de consumo? A julgar por sua visão de mundo, parece que o processo de evolução da espécie humana necessitou de mais de três milhões de anos para poder chegar a realizar, finalmente, sua meta gloriosa: o perfil do consumidor. Soa absurdo? Exagerado? Pois a realidade nos mostra que é assim mesmo. O mundo inteiro, material e espiritual, transformou-se num vasto mercado. Vemos que tudo, absolutamente tudo, está sendo reduzido ao nível de mercadorias a serem vendidas e compradas, consumidas o mais rapidamente possível para, logo em seguida, serem descartadas e novamente substituídas. Também os seres humanos, seu trabalho, seu potencial criador, suas obras de arte não passam de mercadorias. Compram-se e vendem-se. E tudo tem o seu preço.

O preço é a medida das coisas. Assim, proclama-se: preço é igual a valor. E ainda surgem outras equivalências: novidade é igual a criatividade, originalidade é igual a sensacionalismo.

Cabe entender, porém, que tais equivalências não existem. Preço não é igual a valor. Qualquer que seja o preço, ele representa apenas um dado circunstancial e artificial. Unicamente o valor é real, qualidade autêntica e inerente à própria realização de algo. Quando nos referimos a valores, falamos de conquistas de nossa consciência, de nosso ser sensível e afetivo. Solidariedade, compaixão, dignidade, respeito, inteligência, o amor e a ternura, a ética integrando a estética e, sobretudo, nosso mundo de imaginação e criatividade – estes são valores. Não têm preço. Não são compráveis nem vendáveis. Precisam ser conquistados por cada pessoa nos seus encontros com a vida e seus desafios.

Nem a novidade é igual à criatividade. Nas obras de arte, o novo representa apenas um aspecto secundário, que acompanha o criativo. Toda criação contém em si algo de novo, de imprevisível e mesmo de inesperado, antes de existir. Mas a equação não pode ser invertida. Nem todo novo é criativo. E a simples novidade se esgota no primeiro instante em que for percebida, ao passo que o criativo sempre se renova e se reestrutura dentro de nós. Cézanne pintou a montanha Sainte Victoire mais de cento e vinte vezes. Ele não estava à procura de novidades. Porém, em sua busca incansável, cada quadro representou um novo começo, um aventurar-se no desconhecido, com novas criações. Quando vemos essas obras, a excitação de suas descobertas perpassa nosso olhar e algo novo se reestrutura dentro de nós.

Tampouco se deve confundir originalidade com sensacionalismo. Cada pessoa é um indivíduo único. Portanto, bastaria ser autêntico e verdadeiro consigo mesmo, para ser original. Nada mais do que isso. A originalidade vem de dentro. Já o sensacionalismo...

Os valores mercadológicos em nada correspondem a critérios e valores artísticos. Na arte, tanto a motivação como o sucesso são de naturezas totalmente diferentes. Por mais importante que o sucesso de mercado seja para a vida material das pessoas, ele nem sempre significa o verdadeiro sucesso e a realização de um artista. Estes serão aferidos pelo desenvolvimento e crescimento estilístico em suas obras.

A profunda crise de valores por que passa nossa sociedade manifestase também, como não poderia deixar de ser, na arte. Podemos observá-las nos diversos estilos e, sobretudo, na postura de artistas diante de seu próprio fazer. Ou seja, diante de si mesmos.

Até a metade do século XX, embora criando em diferentes estilos figurativos e abstratos, como cubismo, dadaísmo, expressionismo, surrealismo, concretismo e abstracionismo livre, encontramos em todos os artistas uma atitude de empatia, de identificação afetiva com a linguagem da arte. Não só se cuidava em preservar a integridade física da obra, como também se enaltecia o caráter altamente sensual da matéria pictórica, suas formas e cores.

É justamente a sensualidade das linguagens artísticas – pintura, música, dança, arquitetura, ou também poesia – que as distingue de linguagens conceituais, como, por exemplo, a filosofia ou a matemática. Encantam-nos ver cores, ouvir sons, perceber movimentos e ritmos. Ainda que física, a sensualidade torna-se uma qualidade espiritual. Vale frisar ainda que a identificação do artista com sua matéria, o fascínio que ela exerce sobre o seu ser sensível e inteligente, estimulando o potencial imaginativo – este diálogo apaixonado entre criação e criador –, é que constitui a única, legítima e mais poderosa motivação para alguém querer criar.

Porém, se nas décadas iniciais, a atitude dos artistas era construtiva em sua busca de novas formas expressivas, ela passa a ser destrutiva na segunda metade do século XX.

A busca de novas formas expressivas dos artistas passa a ser destrutiva na segunda metade do século XX.

Evidentemente, há razões para isso. De fato, somos testemunhas de um processo paradoxal. Os espetaculares avanços da tecnologia deveriam enriquecer as pessoas, material e também espiritualmente. No sentido humanista, deveriam permitir uma vida mais plena – cada um realizando sua personalidade através da realização de suas potencialidades criativas. Ao invés disso, tais avanços antes parecem empobrecer o ser sensível e espiritual das pessoas. O problema não está na tecnologia em si. Acontece que na visão da sociedade de consumo, o homem não passa de um mini-robô a ser transformado em maxi-robô. Assim será perfeito. Não mais pensará nem perguntará. Apenas consumirá. E nada de sensibilidade, faz favor, que não está no programa.

Não é de se admirar, então, que na arte venham surgir tendências que reflitam essa mentalidade. Elas procuram destituir as formas de arte de

suas qualidades mais nobres e humanizadoras. Em vez de empatia e busca criativa de novas possibilidades formais da matéria, a postura agora é de indiferença, crescente desamor e até agressividade, chegando às raias de ódio pela matéria do seu fazer.

Propaga-se que não existem mais critérios na arte. No movimento conhecido como pop art, vemos a linguagem artística banalizada, sua riqueza e complexidade reduzidas ao simplório e rebaixadas ao nível de mero jargão publicitário. Isso é acompanhado pela mais perfeita hipocrisia ao se "explicar" ao público esse empobrecimento como um generoso ato de democratização e "popularização" da arte. Haja vista a obra de Andy Warhol que, em termos artísticos, nunca passou de uma mediocridade, embora tenha sido um gênio do marketing.

Na arte conceitual, as formas só existem no âmbito do imaginário, das idéias e conceitos. Basta pensá-las, e eventualmente ilustrá-las mediante fotografias ou instalações sugestivas. Porém, fica tudo no nível de associações de conceitos. O próprio ato criativo, a ação de elaborar formas visuais que sejam expressivas em si, é abolido. Assim, não há como avaliar qualidades artísticas ou seus significados, além de um certo aspecto decorativo que tenham. Muito menos há a possibilidade de se verificar um desenvolvimento estilístico. Tudo permanece como (boas?) intenções.

A propósito, a linguagem artística nunca é ilustrativa, quer seja de objetos, quer de conceitos, nem mesmo de conceitos artísticos. Ela é expressiva. Os pintores renascentistas, por exemplo, não conceituaram, antes, o que depois seria o estilo do Renascimento, para, então, pintá-lo. Primeiro, vieram as obras. Mais tarde houve quem analisasse e conceituasse os princípios formais do estilo e seus conteúdos expressivos. Na arte, a conceituação nunca poderá substituir o próprio ato de fazer.

Já em outras tendências, exibem-se matérias de modo repulsivo, introduzindo elementos que jamais poderiam ser formalmente elaborados em termos de uma linguagem: excrementos, feridas com sangue e pus (body art), cadáveres em estado de putrefação, e assim por diante. Quanto mais nojentos, tanto mais de vanguarda e "pra frente" se julgam os autores de tais "obras". Ainda recentemente, houve o caso de um "artista" que mandou cortar um boi ao meio, colocar cada metade, com tripas e intestinos in natura, dentro de uma caixa de acrílico com formol, e enviá-las para a Bienal de Veneza. Lá foram expostas como obras de arte. Não posso imaginar em que sentido isto possa acrescentar algo à sensibilidade de uma pessoa ou enriquecer sua experiência de vida e arte. Só posso pensar que o autor deva ser uma pessoa bastante doente. E os curadores, despejando toneladas de profundos pensamentos metafísicos a respeito? E o diretor da Bienal, que aceitou tais obras?

Em tais manifestações, sem enfoque e sem sentido formal, é possível que se trate de uma problemática de ordem pessoal, de exibicionismo doentio ou de drogas. Ou ainda de alguma forma de suicídio. Mas suicidar-se não é um ato artístico. E destruir, sem colocar nada em seu lugar, não tem significado algum na arte, não passa de mero vandalismo.

Cabe frisar também, que não há nisto tudo a mais leve intenção de questionamento ou crítica e, muito menos, a possibilidade de se encontrarem novas formas expressivas. Não se trata, como alguns pretendem, de uma arte de contestação. É apenas um sensacionalismo a todo custo e do mais

baixo nível, "pour épater les bourgeois", traduzindo a expressão que se tornou famosa, "para chocar os burgueses". Acontece, porém, que a burguesia não é mais chocável. Não há nada que ainda possa chocá-la. Esses vanguardistas, ousados desbravadores do futuro, chegaram atrasados. A mídia já se encarregou de liquidar com os últimos escrúpulos estéticos e éticos.

Nesse rumo, só restaria a destruição física total. De fato, é o que está acontecendo. A fim de chamar atenção, retalha-se, despedaça-se, incinera-se tudo, destruindo tanto a imagem como seu suporte. Só assim poderá alguém ser considerado moderno, ou pós-moderno, ou contemporâneo ou, melhor ainda, pós-trans-vanguardista.

Agora, o outro lado da medalha: quando se proclama que hoje não existem mais critérios artísticos, quando qualquer coisa passa; portanto, quando não se consegue mais distinguir entre arte e não-arte, então também não se consegue saber quem são os bons artistas que existem em todos os países. Raramente eles são encontrados nas galerias do grande circuito internacional. Estas inventaram seu próprio Olimpo e realmente acham que, através de jogadas de marketing, adquiriram poderes supremos para "criarem artistas" e decretarem o que é arte – leia-se, a "grife", a última moda da estação. Eu conheço alguns bons artistas. Não foram considerados bastante interessantes para o marketing das galerias. Mas e daí? Isto não os torna menos sérios, menos criativos, menos artistas. Penso que, nos dias de hoje, Cézanne não teria a menor chance. Ele é sério demais.

Esses vanguardistas, ousados desbravadores do futuro, chegaram atrasados. A mídia já se encarregou de liquidar com os últimos escrúpulos estéticos e éticos.

Penso que, nos dias de hoje, Cézanne não teria a menor chance. Ele é sério demais.

A função da Arte?

Bené Fonteles

Artista plástico, poeta, compositor e coordenador do Movimento Artistas pela Natureza.

"O artista é um erro da natureza"

Confesso que fiquei cismado quando li esse desacerto verbal do poeta-ente-ao-chão Manoel de Barros. Procurar entender não era uma boa, pois ele mesmo recomenda: "entender é parede/ procure ser uma árvore". A frase instigou-me a escrever sobre a função do artista no "inteiro ambiente", seu ofício de a nada servir e para tudo ser. Isso remete-nos à "inutilidade do útil", que Chang-Tzu falava há um milênio.

O artista está para si mesmo e, por consequência, é para o outro e no outro: o Eterno Um. Tudo o que ele mais evoca na arte é um meditando

Tão cheio de si ou do universo, o verdadeiro artista está sempre pleno para se utilizar da poesia, das coisas que não servem para nada.

sobre a natureza mutante do cosmos, que em algum momento ele consegue condensá-lo em sua obra. Tão cheio de si ou do universo, o verdadeiro artista está sempre pleno para se utilizar da poesia, das coisas que não servem para

nada. Diz o mesmo Barros que essas coisas só servem mesmo como utensílios frugais para um poema.

Na verdade, para a genuína arte, a utilidade não é viável, ou via, para compreender a alma apaixonada do artista pelo misterioso sacro-ofício da existência.

Nada pode impedir este "erro/criatura" de chegar e checar a natureza da criação. Esse objetivo é subjetivamente perseguido, com grande obsessão na arte, por aqueles que praticam alternativas poéticas para driblar a realidade. Miró, por exemplo. Em 1940, a guerra faz o artista abandonar Paris e retornar à Espanha. O franquismo quis proibi-lo de pintar limitando seu acesso ao material de pintura. Ele se defendeu com poesia:

"Se chegar a me faltar material de trabalho, irei até à praia e farei grafismos com um bambu sobre a areia. Desenharei com um jato de urina sobre a terra seca. Riscarei no vazio do espaço o gráfico do canto dos pássaros, o barulho da água e do vento, e da roda

do carro e o canto dos insetos. E terei a convicção de que todas estas realizações puras do meu espírito repercutirão por magia e milagre no espírito dos homens".

O pintor catalão era o operário de um fazer libertador. E por uma arte que está, acima de tudo, beirando a utopia de um paraíso imaginário. Essa utopia também nos conduz aos seus infernos – a impotência criativa, um deles –, quando o artista se deixa levar apenas pelo apego ao próprio ofício e por vaidade do reconhecimento de seu discurso estético.

É preciso autoconhecer-se através da verdadeira arte, a qual Marcel Duchamp dizia ser "um meio de libertação, de sabedoria, de contemplação e de conhecimento". Segundo ele, "a arte não é uma categoria separada do viver. O fim da atividade artística não é a obra, mas a liberdade. A liberdade não é o saber, mas o que dele emana".

Duchamp, o grande jogador de xadrez, deu um genial xeque-mate na arte moderna, porque não estava a serviço da obra apenas como matéria estética. Em seu tabuleiro de idéias, pousavam peças-substratos para jogadas cheias de essências que alimentam ainda muitos frascos (infelizmente, nem sempre sinceros e adequados vasos para conter uma reflexiva arte contemporânea).

Outro imenso alquimista e bruxo, artista e educador, Joseph Beuys, conseguiu, com afiada inteligência, ser muito afinado com seu tempo; e, no mesmo espaço, ser poético e político, transcendendo os discursos teóricos do esteticismo da academia a qual pertencia como mestre. Foi também um visionário ao escrever, na década de 70, o "Manifesto por uma alternativa global", no qual coerência ecológica exercita, de forma pioneira na arte, sua cidadania planetária.

De forma clara e ousadamente humana, cruamente divina, Beuys tornou-se sim um mestre da sobrevivência (começou sua arte depois de um acidente na segunda guerra mundial). Ele, junto com Duchamp e Malevitch, soube como nenhum outro fazer ferver, no caldeirão de sua época, a mais consciente porção lúdica: a lógica transmutadora para o deserto fascinante e trágico do século XX. Para esses tempos quase vazios, Beuys compôs este "Manifesto" cheio de plenitudes:

"O conceito ampliado de arte não é uma teoria, mas uma forma de procedimento que afirma que o olho interior tem mais poder de decisão que as imagens externas imediatas.

Um importante requisito para que uma obra se torne passível de ser colocada em um museu é que a sua imagem interior, isto é, a forma do pensamento, da imaginação e do sentir, possua a qualidade que é preciso, necessariamente, obter da obra de arte. Assim, remeto a obra ao seu lugar de origem e volto à frase: 'No princípio

era o Verbo'. O verbo, a palavra, é uma figuração. É o princípio criativo, nada mais. Ele pode surgir, irromper no ser humano, porque a antiga criação já foi concluída.

Esta é a razão da crise.

Tudo que de novo acontecer sobre a Terra terá que consumir-se através do homem. Porém nada acontecerá se ele estiver cego, isto é, se na origem não houver uma forma.

Por isso eu exijo uma melhor forma de pensar, de sentir e de querer. Estes são os verdadeiros critérios. Não poderão porém ser julgados somente por suas formas externas, mas também terão que ser julgados no interior do ser humano, onde se tornam contempláveis.

Nos daremos conta então, subitamente, de que somos seres espirituais e o que é contemplável em nosso espírito, que se torna figuração e possui sua matemática interna, é o princípio criativo".

Esse Verbo/Ativo é a forma/redenção para a crise contemporânea. Até os espertos executivos já sabem. E ela, a crise, só será resolvida em parte, com a arte do discernimento que faz de cada artista um ser solidário e responsável com a Vida. Esse estado de espírito do criativo requer mais que as espertezas verbais/visuais da mente. As sutilezas da alma precisam ser ativadas para que tudo seja Arte.

Era isso que sugeria Mondrian em 1922 – ano em que os intelectuais e artistas brasileiros inauguravam sua estética modernista de olho na universalidade:

Quando o ser humano conseguir realizar em si o equilíbrio dos contrários, quando conseguir afastar o sentido trágico da vida. E quando a arte estiver perfeitamente integrada na vida, ela deixará de existir, pois tudo será arte.

"O futuro dirá que haverá um tempo em que seremos capazes de renunciar a todas as artes como as compreendemos hoje; pois então a beleza alcançando a maturidade terá chegado a uma realidade tangível. Quando o ser humano conseguir realizar em si o equilíbrio dos contrários, quando conseguir afastar o sentido trágico da vida. E quando a arte estiver perfeitamente integrada na vida, ela deixará de existir, pois tudo será arte".

A isso se soma o emocionante texto que Frederico Moraes escreveu há mais de uma década, para o livro *Chorei em Bruges*: "a arte é a resposta que temos contra tudo que nos diminui, amedronta, achincha e menospreza. Contra a força e o obscurantismo, tome arte, ou como diz o artista Bené Fonteles, 'antes arte do que tarde'. Sem arte os seres humanos não existem, nem as nações. A arte é tudo. Nenhuma revolução que vise o desenvolvimento do homem pode prescindir da arte, isto é, do desenvolvimento da imaginação criadora".

Os "biscoitos finos" desse poderoso imaginário devem ser repartidos com todos. Salientava ainda a sabedoria antropofágica pau-brasil de Oswald de Andrade:

"O ser humano é o animal que vive entre dois grandes brinquedos: o amor onde ganha e a morte onde perde. Por isso, inventou as artes plásticas, a poesia, a dança, a música, o teatro, o circo e, enfim, o cinema.

Ainda uma vez hoje se procura justificar politicamente as artes, dirigi-las, oprimi-las, fazê-las servirem uma causa ou uma razão de estado. É inútil. A arte livre ressurgirá sempre porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica".

Fazer arte é jogar com esses misteriosos arcanos de um tarô pleno de lucidez. E sacar uma poderosa arma que o poder político teme e por isso tenta coibir sua força e também sua poética. O sistema cultural gerado pela indústria do entretenimento encara os artistas como joguetes marginais, que devem ser usados através da mídia no momento oportuno. Numa política cultural equivocada, eles são utilizados como geradores de números, suas obras como decoração de ambientes, e suas imagens como estratégia para reforçar mitos e perpetuar o escuro rito do poder.

Cabe aos artistas despertos, mais uma vez, sacar a sensível proposta do "Manifesto do Suprematismo", escrito em 1927 por Kasimir Malevitch:

"Por suprematismo entendo a supremacia da pura sensibilidade na arte. Do ponto de vista dos suprematistas, as aparências exteriores da natureza não apresentam nenhum interesse: essencial é a sensibilidade em si mesma, independentemente do meio em que teve origem.

[...] Basta de imagens da realidade, basta de representações ideais – nada mais que o deserto!

Mas esse deserto está pleno do espírito da sensibilidade inobjetiva, que penetra tudo.

[...] O quadrado que tinha exposto não era um quadrado vazio, mas a sensibilidade da ausência do objeto".

Essa ausência não era a falta. Malevitch nos impressiona pela sacação antecipada do que, só muitas décadas depois, Beuys explicitaria em seu "Conceito ampliado de arte". Segundo ele, "somos seres espirituais", e o que é sensível dá forma a uma outra figuração, quase invisível, tornando-a uma perfeita "matemática interna" para reforçar "o princípio criativo".

A arte, com conceitos tão fundamentais a ungir a matéria e suas configurações emblemáticas, ganha com esses essencialistas e co-criadores do universo uma nova dimensão a serviço da verdade. Ela, no puro ato de sinceridade do momento criador, nos revela sua auto-existência.

Poderia dizer-se que essa arte não está a serviço de nada. Malevitch dizia ser ela a inspiradora do supremo gesto: a sensibilidade em si. Um projeto construtivo de transformação da alma e da inteligência coletiva. E assim finalizava o seu ainda tão atual manifesto:

Poderia dizer-se que essa arte não está a serviço de nada. Malevitch dizia ser ela a inspiradora do supremo gesto: a sensibilidade em si. Por si mesma, um projeto construtivo de transformação da alma e da inteligência coletiva.

"A arte não quer mais ficar a serviço do Estado e da religião, não quer mais ilustrar a história dos usos e dos costumes, não quer saber mais nada dos objetos enquanto tais e crê poder existir em si e por si sem o objeto, isto é, ser a fonte de vida que o provou ser durante muito tempo".

Provar de nascentes que matam outras sedes tem sido o objetivo e a obsessão pelos quais a essência da arte é perseguida. Os artistas, buscadores da verdade, ativam os sensores da consciência, sacando na prática a observação oportuna de José Tadeu Arantes escrita na década de 1980:

"Libertadas da fútil banalidade a que foram reduzidas pelo mercado capitalista, as artes poderão recuperar seu lugar como espaço privilegiado para um tríptico reencontro: do humano com a natureza, dos humanos entre si e do indivíduo consigo mesmo.

[...] Para o suprematismo, entretanto, o meio de expressão será sempre o dado que permite à sensibilidade exprimir-se como tal e plenamente, e que ignora a habitual representação. O objeto em si não significa nada para ele.

A sensibilidade é a única coisa que conta e é através dela que a arte, no suprematismo, chega à expressão pura sem representação.

A arte chega a um 'deserto' onde a única coisa reconhecível que há é a sensibilidade.

Tudo o que determinou a estrutura representativa da vida e da arte: idéias, noções, imagens... tudo isso foi rejeitado pelo artista, para se voltar somente para a sensibilidade pura.

A arte do passado, que, ao menos por seu aspecto exterior, estava a serviço da religião e do Estado, despertará na arte pura (não aplicada) do suprematismo para uma nova vida e para construir um mundo novo, o mundo da sensibilidade".

Malevitch permanecerá sempre na vanguarda, principalmente quando sua proposta chega ao cerne da questão: a busca do ser sensível por uma "realidade tangível" que encontra o "equilíbrio dos contrários" e afasta o "sentido trágico da vida", de que nos falava Mondrian, ou Duchamp, ao afirmar que "a arte é um meio de libertação, de sabedoria, de contemplação e de conhecimento".

Às vezes, fico imaginando esse começo de século XX habitado por artistas com a grandeza de um Kasimir, cujas obras, de um arrojo sem igual, ocupavam desordenadas as paredes neoclássicas. E o imagino também possuído de indignação e coragem, enfrentando o imenso preconceito que ele denuncia em seu manifesto:

“Quando em 1913, em minha tentativa desesperada de livrar a arte do peso inútil do objeto, busquei refúgio na forma do quadrado e expus um quadro que representava apenas um quadrado negro sobre fundo branco, a crítica o deplorou e, com ela, o público: ‘Tudo o que nós amávamos se perdeu: estamos num deserto, diante de nós há um quadrado preto sobre um fundo branco!’.

Buscavam palavras destrutivas para apagar o símbolo do deserto e ver sobre o ‘quadro morto’ a imagem amada da realidade representativa e do sentimento.

O quadrado perfeito parecia à crítica e ao público, incompreensível e perigoso – não se devia esperar outra reação.

Para isso, o artista precisará romper com as cadeias de seu ego e voltar a uma atitude receptiva que o permita ter acesso à dimensão não-humana do mundo natural, ao Outro, e aos espaços misteriosos de seu próprio interior”.

Mais uma vez, é o mistério que nos acerca em meio às atitudes de libertação de que muitos nos falam – não só os mestres, mas os outros artistas, de várias tradições religiosas ou místicas, no decorrer do tempo das diversas civilizações. Há cinco mil anos o alquímico Hermes Trimegisto disse: “Afirmar a verdade já é criar”. E ela, a verdade, inspiradora e vasta por tantas e múltiplas verdades, é também vista pelo ângulo da beleza e da ciência sensível de Einstein como “a coisa mais bela que o ser humano pode experimentar: o misterioso”.

Verdade, beleza e mistério são quase equações aritméticas. E a arte existe pelo prazer de harmonizar os contrários, buscar soluções para manter acesas suas eternas, aplicáveis e práticas utopias.

Era Modigliani quem dizia: “o real dever do artista é salvar o sonho”. E, para vivê-lo, também é necessário um olhar bem aberto, mesmo que para isso se faça o que proclamava Gauguin: “eu fecho os olhos para ver”.

Visionar o invisível é o papel de quem busca o princípio criativo e não quer só fazer magia e milagre para o espírito dos humanos. Era assim que sonhava, muito bem acordado em sua Barcelona, um Miró indignado toda manhã ao abrir a porta do ateliê e gritar à fábrica poluidora que o cercava: “MERDA!”.

Visionar o invisível é o papel de quem busca o princípio criativo e não quer só fazer magia e milagre para o espírito dos humanos. Era assim que sonhava, muito bem acordado em sua Barcelona, um Miró indignado toda manhã ao abrir a porta do atelier e gritar à fábrica poluidora que o cercava: “MERDA!”

A capacidade de indignação e não-conformação com o real é o que move o artista na sua busca de libertar o conhecimento da ilusão, do que se chama apenas de realidade, e reinventá-la pela sabedoria ao mesmo tempo contemplativa e transformadora. Marcel sabia disso por não viver apenas o ilusório da "grande obra". Esta é a causa da decepção que muitos sofrem quando visitam um espaço museológico dedicado a Duchamp. Querem ver a "obra monumento", como se contemplassem picassos. Mas deparam-se com o "deserto", aquele que nos remete a Malevitch. Um deserto, contudo, pleno de ideais, rompendo as místicas, desiludindo visões apaixonadas pela mitificação da "grande arte" e dos utensílios do fetiche e da miopia cultural de cada um.

Gauguin talvez fechasse os olhos para ver o que Jesús Soto visiona:

"O imaterial é a realidade sensível do universo.
A arte é o conhecimento sensível do imaterial".

Por certo Gauguin adoraria ter aberto os olhos para ler isto, ou quem sabe Duchamp completaria este dito de Soto, meditando entre um e outro lance de xadrez. John Cage diria que isso é conhecer a arte musical do silêncio. E só precisaria escutá-lo através da vacuidade da arte sempre contemporânea do zen.

Herdeiro de todos esses mestres, um brasileiro, Hélio Oiticica, entreabre brechas pelos Penetráveis que construiu ou desconstruiu:

"Toda essa experiência em que desemboca a arte, o próprio problema da liberdade, do dilatamento da consciência do indivíduo, da volta ao mito, redescobrimo o ritmo, a dança, o corpo, os sentidos, o que resta, enfim, a nós como arma de conhecimento direto, perceptivo, participante, levanta de imediato a reação dos conformistas de toda espécie, já que é ela (a experiência) a libertação dos prejuízos do condicionamento social a que está submetido o indivíduo.

A posição é, pois, revolucionária no sentido total do comportamento – não se iludam, pois seremos tachados de loucos a todo instante: isto faz parte do esquema de reação.

A arte já não é mais instrumento de domínio intelectual, já não poderá mais ser usada como algo 'supremo', inatingível, prazer do burguês tomador de whisky ou do intelectual especulativo: só restará da arte passada o que puder ser apreendido como emoção direta, o que conseguir mover o indivíduo do seu condicionamento opressivo, dando-lhe uma nova dimensão que encontre uma resposta no seu comportamento. O resto cairá, pois era instrumento de domínio.

Uma coisa é definitiva e certa: a busca do supra-sensorial, das vivências do humano, é a descoberta da vontade pelo 'exercício experi-

mental da liberdade' (Mário Pedrosa), pelo indivíduo que a elas se abre.

Aqui só as verdades contam, nelas mesmas, sem transposição metafórica".

Oiticica escreveu isso em 1968 e foi profético.

Continuam as mesmas questões no ar, pois ele termina falando da mesma verdade que Hermes Trimegistos inscreve em sua "Tábua de Esmeralda". Leonardo da Vinci disse que essa verdade/arte "é uma coisa da mente". Ele já sabia que esta mente é aquela que nunca mente. Ela pertence à esfera do supramental, estágio que só místicos e filósofos como Paramahansa Yogananda e Sri Aurobindo alcançaram neste século. É o estado de estar além da mente e nela mesma. É não se iludir, nem estar inoculado pela vã mentira que acomete todos os seres vivos: a coisificação.

Essa mente aberta ao novo fez de Leonardo o visionário que adentrou no corpo da vida e da morte, dissecando o real. A arte sempre pede um renascimento, pela invenção eterna do re-experimentar outras formas de ser e estar no mundo. São essas as mesmas buscas vivenciais do suprematismo de Malevitch, e os mesmos sonhos a salvar de Modigliani.

E se "o artista é um erro da natureza" – como versava o poeta aos pântanos Manoel de Barros –, que errata maravilhosa! É certo: a natureza produz muitas aberrações. É o que dizem maravilhados os cientistas. Talvez seja porque ela, como grande força nutriz, gera matéria-prima ao sonho estelar das criaturas. O artista é apenas o co-criador. Ela, natural e simples, está sempre a esperar dele no momento do improvisado: o imprevisível erro. E ele, dela, o instante ideal para contagiar a matéria dos maiores acertos que só são permitidos ao imaginário dos deuses.

Por isso, Michelangelo disse "Parla!", rachando seu Moisés de pedra. Assim, maravilhado, Pasolini recria Giotto em seu filme Decameron, colocando na boca dele a frase: "mais importante do que uma obra acabada é a aventura humana de fazê-la". Ou, a pergunta: "porque fazer uma obra quando é tão mais belo apenas imaginá-la?".

O verdadeiro erro, então, é pensar que ela está completa. Isso seria "uma traição à natureza" como queria Pessoa, o Fernando, ao poetizar que "a natureza de ontem não é mais a natureza de hoje/ e lembrar é não ver".

É por tudo isso e pelo todo que a arte pode ter a sublime pretensão de buscar o fogo imortal. Muitas vezes é também com essas chamas que os prometeus modernos acendem fogueiras e nelas ardem as indescritíveis vaidades. Mas é também com elas que a busca acontece e que se colhe o saber maduro dos artistas. Eles são aqueles que peregrinam há milênios

Leonardo da Vinci disse que essa Verdade/Arte "é uma coisa da mente". Ele já sabia que essa mente é aquela que nunca mente. Ela pertence à esfera do supra-mental, estágio que só místicos e filósofos como Paramahansa Yogananda e Sri Aurobindo alcançaram neste século. É o estado de estar além da mente e nela mesma.

em busca das essências raras, as quase inatingíveis fragrâncias para o conteúdo dos frascos invisíveis.

E é principalmente no século do admirável mundo velho, que esses artistas deixaram suas obras mais marcantes. Elas existem para que o espírito elegante do princípio criativo permaneça, e passe ao novo milênio com uma cara mais saudável e sem máscaras.

Anuncia-se, assim, uma arte de contagiante alegria, confiante de que haverá futuro e, nele, um lugar cada vez mais vasto para o "artista da luz". Aquele que perguntará à pedra o que ela quer ser e não irá impor uma forma à sua vontade orgânica.

Era essa vontade luminosa que permeava Rubem Valentim, seus objetos e seu culto à procura da "claridade, a luz da Luz".

Para os artistas do essencial, fica a herança do reino do invisível. E ele pode ser desenhado pela urina fresca de Miró por sobre a areia da Espanha, ou riscado com uma vara de bambu no ar de Kyoto pelo gesto simples do anônimo mestre zen.

Só podem mirar essas sutilezas aqueles que fecharem os olhos para ver, como quis Gauguin. Só se tornarão matéria, aqueles que, como Soto, palparem o imaterial. Só pintarão com os pincéis do vasto delírio, aqueles que tiverem a lucidez da loucura genial dos que não têm limites: os semelhantes a Van Gogh. Este que não era só um pintor, mas a pintura e a própria arte.

Só pintarão com os pincéis do vasto delírio, aqueles que tiverem a lucidez da loucura genial dos que não têm limites: os semelhantes a Van Gogh. Aquele que não era só um pintor, mas a pintura e a própria arte.

Arte é verdade. O resto é ilusão.

É "a contribuição milionária de todos os erros" (Oswald Andrade).

Brasília – S.Paulo 1996/99

"Antes arte do que tarde"

Tempo é arte / Arte cura!

Agradecimentos a Yara Magalhães e Luiz Carlos A. Fonteles

Competitividade e arte

Fayga Ostrower

É artista plástica, com vários prêmios internacionais, teórica da arte e dos processos criativos, falecida em 2001.

Um dos aspectos que me impressionam particularmente nos programas ditos educativos, veiculados pela mídia televisiva a título de aprofundar conhecimentos gerais, é a maneira como se abordam certos assuntos culturais. Por exemplo, em se tratando de questões de criatividade e suas motivações na arte e na ciência. Aliás, sempre num tom olímpico, com uma certeza absoluta e categórica – já se tem a resposta pronta para todos os questionamentos deste mundo.

Veja-se o tema da seleção natural na evolução das espécies. Tema fascinante. O que vemos? Em programa após programa mostra-se o reino animal com uma ênfase – impossível de ser ignorada – sobre a necessidade de competição e agressividade brutal na luta que se trava de cada um contra todos, para que o mais forte possa sobreviver e se reproduzir. Matar para não morrer. Comer para não ser comido. É a lei da natureza.

Sem dúvida, trata-se de um princípio seletivo fundamental, descoberto pelo genial Charles Darwin. Só que a seletividade opera de modo bem mais complexo e em níveis mais profundos do que na luta corporal. No entanto, na mídia, é unicamente esta a versão apresentada ao público, ilustrada sempre e de novo com cenas da vida animal, "vida selvagem". Assim está sendo rotulado o caráter da natureza, mostrando-se o mais forte exterminando o mais fraco, num combate implacável e sem tréguas. Nessas imagens, a glorificação da vitória do mais agressivo é tão evidente, tão explícita e dogmática, que dá para suspeitar se não existiria aí, talvez, uma mensagem subliminar. Ela nos diz: matar é a lei da natureza; é perfeitamente natural. Dessa forma se justificariam, banalizando-os, todos os massacres e genocídios, e as atrocidades cometidas por nossa sociedade.

Trazemos em nós um lado animal. É nossa herança biológica. E não nos colocamos fora das leis da natureza. Não há como negar que os homens são capazes de violência e agressividade; basta um olhar sobre a sangrenta história de tantas batalhas na luta pelo poder e pela conquista de mais um pedacinho de terra.

Entretanto, há também em nós um outro lado – um lado humano –, que nada tem a ver com a lei do mais forte ou com competição agressiva.

É o que nos eleva acima do animal e nos confere a condição de seres humanos. É nosso lado espiritual e sensível. Cabe frisar este aspecto e acentuá-lo: tudo o que nos distingue como seres humanos é não-agressivo e não-competitivo. Tudo: a consciência, a reflexão e o raciocínio, a sensibilidade, a percepção de si mesmo e dos outros, a solidariedade e a generosidade, o amor e a ternura, as infinitas nuances de alegria e tristeza, poder sorrir entre lágrimas, os sentimentos complexos de esperança e desespero, de culpa e perdão, de compaixão, a dignidade e a coragem, a noção do tempo, de um ontem e amanhã – o saber da própria morte.

Essas são qualidades unicamente humanas. Privilegiam os homens com a percepção de um universo externo, ao qual corresponde, em cada pessoa, um universo interno, de emoções, pensamentos, memórias associativas e linguagens simbólicas – enfim, a própria experiência do viver. É nela que se originam as potencialidades criativas das pessoas, a criação da imensa riqueza de formas expressivas, das formas de arte.

O milagre que se dá no ser humano – e que tampouco tem a ver com a lei do mais forte – é que, quando está terminando o ciclo de crescimento biológico, no final da adolescência, inicia-se, então, um novo ciclo de crescimento, desta vez espiritual. E para esse crescimento não existem prazos nem fim. Ele envolve a personalidade toda do indivíduo, seu ser intelectual e emocional, e também suas potencialidades criativas. Tais potencialidades são inatas na pessoa, mas cada um tem que descobri-las. Elas se lhe revelam através de certos interesses, inclinações, anseios – anseios estes, que haverão de transformar-se em verdadeiras necessidades espirituais, como que exigindo sua realização. Tornam-se, assim, para cada um, uma busca interior, uma busca de si mesmo, de sua identidade como indivíduo único.

É a busca de realização de seu potencial, que constitui a legítima motivação do artista. Essa busca interior o impulsiona – e jamais uma competitividade artificialmente imposta de fora. Portanto, para ser "original" na criação de formas expressivas, bastaria o artista ser autêntico e verdadeiro consigo mesmo. Dispensaria a competição com os últimos modismos decretados pelos marketings da vida e pela hipocrisia e total falta de escrúpulos dos manipuladores da arte como mero produto comercial. Não precisaria de nenhum sensacionalismo barato.

A noção de competitividade é totalmente alheia à busca da verdade nos processos criativos da arte. Competir, o artista só poderia fazê-lo consigo mesmo, procurando superar-se e dar o melhor de si. Embora influenciando-se mutuamente, Van Gogh não compete com Gauguin, nem Gauguin com Van Gogh. Cada um só pode encontrar suas formas expressivas a partir de sua própria experiência de viver, seus valores e sua visão

É a busca de realização de seu potencial, que constitui a legítima motivação do artista. Essa busca interior o impulsiona – e jamais uma competitividade artificialmente imposta de fora.

de vida. Assim se formula o estilo individual, que será reconhecível em qualquer de suas obras. É preciso não confundir estilo com moda. Nem esperteza com inteligência. Nem mesmo, então, a mera novidade com a criação – pois a novidade se esgota no primeiro instante, ao passo que a criação se renova e se reestrutura cada vez mais em nós, porque nós nos reestruturamos nela.

Resumindo: a noção de competitividade, como caminho de realização da pessoa e de seu sucesso na vida, pertence à mentalidade do mercado. Seus princípios e valores são contrários aos da arte. A criação não é uma espécie de campeonato de corridas, em que vence quem corre mais rápido. Cada pessoa tem o seu ritmo interno e o seu próprio caminho. E nos caminhos da sensibilidade não existe uma reta de chegada, pois a cada realização o horizonte se amplia e se coloca mais distante.

Resumindo: a noção de competitividade, como caminho de realização da pessoa e de seu sucesso na vida, pertence à mentalidade do mercado. Seus princípios e valores são contrários aos da arte.